

UMA CRISE SEM FIM

Apesar de ainda não termos os números definitivos disponíveis, já é possível vislumbrar o enorme estrago que as medidas de contenção da reitoria têm causado nas condições de vida e trabalho dos docentes. Não existe uma informação oficial, mas a cada semana fica-se sabendo de turmas que não abriram e de cursos fechados. Nesta semana ouvimos as direções das Faculdades de Ciências Sociais e a Faficla, onde concentram-se os maiores cortes de contratos.

Na Faculdade de Ciências Sociais apenas o curso de Relações Internacionais passou incólume pela crise. O primeiro ano de Geografia não abriu turmas, Ciências Sociais não abriu o turno noturno, Serviço Social não abriu turmas no período matutino, História reduziu suas turmas nos dois períodos para uma de licenciatura e uma de bacharelado. O caso mais grave foi o de Turismo que não ofereceu vagas neste ano e sofria a ameaça de ver os alunos remanescentes serem transferidos para outra faculdade fora da PUC-SP. Esta alternativa foi descartada depois da argumentação da direção da Faculdade. O Conselho de Faculdade vai se reunir com

a reitoria nomeada para discutir o enxugamento que hoje é proposto que, na opinião dos docentes daquela unidade, significam uma ruptura no trabalho de equipe que está sendo realizado, procurando reverter a situação de baixa procura.

Já na Faficla os cursos de línguas foram os mais atingidos: de todas as modalidades existentes na faculdade, somente vingou uma turma de Inglês. Mesmo as línguas que eram oferecidas para outros cursos da faculdade tiveram redução, pois, com a exigência de 20 alunos somente funcionam, no máximo, duas turmas. Já no curso de Jornalismo o problema maior foi a redução de optativas. O projeto pedagógico do curso prevê a distribuição de uma variedade de opções para contemplar um curso com várias vertentes profissionais. Porém, a reitoria, de início, queria que somente duas turmas vingassem. Depois da justificativa da coordenação passaram a valer quatro optativas por turno, diferentemente das seis ou sete habituais, o que causou uma sensível diminuição dos contratos docentes em relação ao semestre anterior e uma perda para a escolha dos estudantes.

PROJETO ANTIGO

A ideia de uma PUC-SP menor, mais enxuta, somente abrigando os cursos de alta procura, não é nova. Esgotado o modelo de financiamento estatal, no início da década de 90, a Fundação São Paulo instaurou na PUC-SP uma intervenção, através do professor Vicente Benzinelli que, com uma sala dentro do campus Monte Alegre, procurava fazer valer a vontade da Fundação contra as decisões da reitora, professora Leila Barbara.

Àquela época a comunidade tinha um grau de mobilização muito forte e com o atraso nos salários as associações decretaram a maior greve da história da universidade. Porém as reivindicações não eram só econômicas, mas também políticas. Exigia-se o afastamento da intervenção da Fundação São Paulo do comando da universidade e a grande luta era pela prevalência de uma PUC-SP grande, autônoma e democrática.

Este movimento ficou marcado como movimento PUCviva e terminada a greve conseguiu-se um acordo com a Fundação. O novo reitor, professor Joel Martins, teria o seu vice-reitor administrativo acu-

mulando o cargo de secretário executivo da Fundação São Paulo.

Depois de um aparente período de calma durante as três gestões do professor Antonio Carlos Ronca, a crise volta a instaurar-se em 2005/2006 quando, por ordem da Fundação São Paulo, a então reitora Maura Vêras demite aproximadamente 1000 trabalhadores, provocando uma nova greve na PUC-SP.

Mas as demissões não foram suficientes para estancar a crise e a PUC-SP e os gestores, neste período, têm se valido de artimanhas como a maximização dos contratos de trabalho, demissões pontuais de funcionários e fechamento de turmas que não alcançam o número mínimo de alunos exigido. Dentro deste quadro chegamos a 2014 com um recorde negativo de alunos matriculados e as reduções contratuais atuam hoje como uma forma velada de demissão. Por outro lado o fechamento de turmas sem se esperar matrículas do Prouni e outras formas de ingresso demonstra o desmanche a que são submetidos vários cursos. Para tudo isto contribui a postura autoritária da reitoria negando-se a dialogar abertamente com professores e funcionários.

Entidades e profissionais de todo o país repudiam reitora nomeada por punição à professora Bia Abramides

Após o anúncio da aplicação de pena de advertência formal à professora Bia Abramides pela Reitora nomeada, uma série de entidades, grupos de pesquisas de pós-graduação e profissionais enviaram moções ao **PUCviva** solidarizando-se com a diretora da APROPUC pela pena imposta. Entidades como o Conselho Federal de Serviço Social, CFESS, a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, ABEPSS, entre outras hipotecaram sua solidariedade à professora. O Curso de Graduação e Pós em Serviço Social enviará mo-

ção esta semana.

A punição à professora Bia Abramides foi o resultado de um processo administrativo, de caráter nitidamente político, instaurado após a participação da professora em ato proposto pelos estudantes em 27/02/2013 contra a realização do Consun marcada para aquela data.

Duas semanas depois, era instaurado o processo sindicante e nomeada a subcomissão processante formada por Antonio Marcio da Cunha Guimarães, seu presidente, Carlos Eduardo Ferreira de Carvalho e Sandra Mara Murad.

Durante todo o proces-

so, principalmente durante as oitavas, a comunidade se manifestou contra a sindicância, seja participando de atos em frente as salas onde eram realizados os depoimentos, seja enviando moções de solidariedade que, ao final do processo atingiam o número de mais de 2000 manifestações. Ressaltamos o posicionamento da APROPUC, o apoio da ABEPSS e o Manifesto do CFESS em defesa da Professora Bia Abramides por estar representando legitimamente a APROPUC ao acompanhar a mobilização dos estudantes na defesa da soberania das urnas bem

como sua ação estar em consonância com o Código de Ética Profissional do Serviço Social.

Porém toda esta mobilização não conseguiu sensibilizar a subcomissão e a reitoria que optaram pela pena de advertência formal mas querendo ir mais longe com a possibilidade de suspensão da docente.

Terminado o processo as entidades voltam a se manifestar e mostrar o seu repúdio contra esta barbárie instaurada na universidade. Abaixo publicamos algumas manifestações que nos chegaram nos últimos dias.

Nota de repúdio ao autoritarismo na PUC-SP

O Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), entidade que congrega mais de 130 mil assistentes sociais em todo o país, vem a público manifestar o seu repúdio às atitudes autoritárias e represoras protagonizadas pela reitoria da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) contra a professora Maria Beatriz Costa Abramides e contra a APROPUC.

A reitoria da universidade, dando continuidade às práticas antidemocráticas inauguradas com a posse da atual reitora, acaba de escrever um lamentável capítulo da história desta importante instituição de ensino. A condenação de Beatriz Abramides expressa o cerceamento

das liberdades de expressão, organização e manifestação.

A luta em defesa do ensino de qualidade e da democracia universitária vem sendo construída por entidades como a APROPUC e por pessoas como a assistente social Beatriz Abramides.

Nesse sentido o CFESS, representando a categoria de assistentes sociais, se solidariza com a professora e com a associação, reafirmando que sem movimento não há liberdade.

Brasília, 3/2/2014

Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) Gestão Tempo de Luta e Resistência (2011-2014)

Abaixo a perseguição na PUC-SP!

Em defesa e apoio à professora Bia Abramides

A Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) manifesta seu repúdio à perseguição da PUC-SP à professora Bia Abramides, referência das lutas sociais democráticas e do projeto ético político do Serviço Social.

É, no mínimo, lamentável que a PUC-SP, palco de conquistas importantes em defesa da democracia e da liberdade no Brasil, protagonize a era da criminalização dos movimentos sociais,

da repressão à liberdade de organização e expressão, pelos atos de uma reitora imposta, contra a posição majoritária dos membros que apuraram as supostas denúncias e se manifestaram pelo arquivamento do processo.

Toda nossa solidariedade e apoio à professora Bia Abramides e à APROPUC. Estamos juntos e juntas na luta!

ABEPSS/ Gestão "Lutar Quando é Fácil Ceder" (2013/14)

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Roberto Oliveira, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victoria C. Weischtordt

Apropuc: Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: João Ramalho 182, 7º andar – Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 – Correo Eletrônico: pucviva.jornal@uol.com.br – PUCViva na Internet: www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Outras manifestações

Por meio desta, manifesto minha inteira solidariedade à Bia Abramides cuja atividade docente na PUC-SP e militância democrática têm sido exemplares. Considero, pois, inaceitável a mais recente decisão de Reitoria da PUC-SP visando intimidar e calar a lúcida atuação da profa. BEATRIZ ABRAMIDES em defesa da democratização de sua Instituição.

Caio Toledo - Professor da Unicamp

Companheir@s, gostaria de expressar publicamente meu apoio à profa Bia Abramides e meu repúdio à reitora Ana Cintra, me colocando à disposição para quaisquer manifestos e/ou atos que esta entidade resolva fazer.

Terezinha Martins dos Santos Souza - Professora Adjunta da UNIRIO-Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Escola de Serviço Social

O Grupo de Estudos em Saúde e Trabalho - NEST, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UFRGS vem manifestar todo seu apoio e solidariedade à professora Bia Abramides

Professora Jussara Mendes-UFRGS

O Grupo de Estudos, Pesquisa e Debates em Serviço Social e Movimento Social - GSERMS do Departamento de Serviço Social, vinculado ao programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão parabeniza a professora Bia Abra-

mides e se solidariza com sua incansável força para seguir na luta e resistência.

Professora Josefa Batista Lopes-UFMA

Bia querida, também receba minha solidariedade e vai ter um manifesto para assinarmos

Inês Bravo-Professora da UFRJ

Todo apoio, sim à Professora Bia Abramides. Mas, repúdio veemente a uma comissão constituída por pares que a condenou. O que é a PUCSP hoje para que as pessoas se fixem com tanto ardor para não deixarem seus empregos? Quando saí da Universidade, haviam vários instrumentos legais para que permanecesse. Não os utilizei. Preferi um processo de demissão honrosa com carta do próprio punho que foi assinado pela Reitora, Maura Bicudo Veras. Tive dois anos para recorrer, e não o fiz. Atitude corajosa daqueles que hoje não só defendem mas praticam e agem no sentido de criar universidades públicas mais democráticas engajadas na solução de problemas reais da comunidade pelos outros rincões do país. O caso da Bia é exemplar em termos da incompetência generalizada na instituição, é questão de honra para todos que um dia vislumbraram uma universidade democrática, interativa, competente, de excelência que seja revertido. Mas não faz muito nexos se pensarmos nos rumos que a instituição está tomando e na adjetivação que os programas e cursos vêm recebendo dos agentes de fomento.

Adilson Gonçalves Ex Professor da PUCSP

Registro aqui meu repúdio à advertência política imposta pela

PUC-SP a Professora Beatriz Abramides, que exercia seu direito de manifestação e dever à frente da direção da APROPUC, na luta contra a nomeação de atual reitora que não foi eleita pela comunidade. Na verdade, é um ato de retaliação que mostra um caminho lamentável escolhido por essa instituição que um dia foi palco da luta pela democracia no Brasil. Todo apoio a nossa companheira de lutas, direção política do serviço social brasileiro!

Elaine Rossetti Behring -DPS/FSS/UERJ/CAPES-CNPq - Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas do Orçamento Público e da Segurança Social/GOPSS

Lamentável registro para a história da PUC-SP. Se D. Paulo Evaristo Arns estivesse entre nós, ou fosse lembrado, tal fato não ocorreria. Afinal, ele foi importante nome contra a ditadura e, creio, não compactuaria com algo desta natureza, nessa instituição ou em qualquer outra. Que triste para a PUCSP!

Beatriz da Costa

Todo nosso apoio a nossa querida Beatriz Abramides, "a história mostra que o conflito não se elimina pela força dos aparelhos repressivos e que a verdadeira democracia é uma conquista da luta dos trabalhadores organizados"

Francilene Gomes Fernandes Assi.Social - Mestre pela PUC-SP

O Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre os Fundamentos do Serviço Social na Contemporaneidade da UFRJ, o qual eu e Fatima Grave coordenamos, manifesta seu repúdio por mais este ato arbitrário de perseguição e contrário a qualquer regime democrático e te cumpri-

mentamos pela sua corajosa trajetória de luta e resistência.

Abs na luta,
Yolanda Guerra e Fátima Grave

Ola brava Bia minha total solidariedade! Meu apoio como vice-diretor da ESS/UFRJ

Marcelo Braz

Como direção da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), enviamos nossa solidariedade a você e o nosso repúdio a esse ato político de perseguição. De fato, a reitora nomeada fere a história de luta e resistência da PUC-SP contra a ditadura, em nosso país.

Cleier Marconsin-Diretora da FSS-UERJ

Querida Bia, toda nossa solidariedade e conte com o nosso apoio!

Professora Kátia Marro-UFF Rio das Ostras Membro do GTP da ABEPSS-Serviço Social e Movimentos Sociais

Querida Bia, receba o meu abraço solidário enorme, o meu carinho e registro o meu apoio a todos os atos e iniciativas de repúdio a violenta decisão da Reitora.

Sandra de Faria -Professora de Serviço Social e ex pró-reitora de Pós Graduação-UCC

Toda solidariedade à professora Bia Abramides por sua legítima atuação como dirigente da APROPUC ao acompanhar a mobilização estudantil na luta pela autonomia e democracia universitárias e repúdio à punição política da Reitora indicada que desconsidera a trajetória democrática da PUC-SP.

Professora Cleusa Santos-UFRJ

Reunião Geral Aberta de Professores

13/2

5ª feira

17h30 na APROPUC

- Avaliação da situação da PUC-SP no início do ano letivo de 2014: contratos, novas medidas etc.
- Resposta da reitoria ao processo da professora Bia Abramides.
- Propostas e encaminhamentos.

PROFESSOR, COMPAREÇA !!!

FALA COMUNIDADE

Provão do Enade avalia mesmo a Universidade?

Hamilton Octavio de Souza

A propaganda da Unip destaca que essa universidade-empresa está em 1º lugar no ranking do MEC. A Uninove também vende para a clientela que vai muito bem no Enade. Outras arapucas do ensino privado adoram mostrar o quanto são prestigiadas nos programas oficiais. As perguntas são inevitáveis: 1) Essas universidades mercantis representam mesmo o modelo de ensino superior mais adequado ao povo brasileiro? 2) Essas universidades bem ranqueadas no sistema de avaliação governamental expressam mesmo o que existe de melhor e de maior qualificação no ensino superior do País?

As respostas a essas perguntas dependem, evidentemente, da visão que se tenha do papel da Universidade para a sociedade. Afinal, uma instituição de ensino só faz sentido se tudo aquilo que ela estuda e cria, tem a ver com o mundo real, com o seu universo de relacionamento e influência, com a possibilidade concreta de proporcionar o desenvolvimento humano, cultural, social, econômico e político. Ou seja, a Universidade reúne pessoas que se dedicam a conhecer e melhorar as suas vidas e a sociedade em que vivem. Assim, a visão de cada um sobre a Universidade tem a ver direta-

mente com a nossa visão sobre a sociedade em que vivemos. Ambas - Universidade e Sociedade - estão intrinsecamente relacionadas.

Poderíamos, por exemplo, analisar que a sociedade brasileira está em franco desenvolvimento econômico e cultural, com a incorporação cada vez maior de amplos setores sociais num padrão satisfatório de conquistas materiais e inte-

dos interesses dos mercados, que são os principais focos da atual visão hegemônica.

Mas poderíamos também levar em consideração que a sociedade brasileira convive com a mais escandalosa desigualdade econômica e social, com a mais brutal violência, e que a grande maioria ainda vive em condições precárias, que o sistema dominante favorece a concentração da renda e da ri-

vários aspectos da vida em sociedade.

Diante dessas visões de mundo, e de opções para as instituições de ensino superior, é aceitável que uma única prova, aplicada indistintamente às várias concepções universitárias, possa encontrar um denominador comum de avaliação qualitativa do processo ensino-aprendizagem, ao ponto de classificar do melhor ao pior desempenho? O Provão do Enade tenta fazer essa avaliação a partir do universo de determinados conhecimentos eventualmente contidos nos acervos dos estudantes, sem levar em consideração outros fatores fundamentais que seriam obrigatórios num processo de avaliação que fosse marcado pela seriedade e pela responsabilidade, entre os quais:

1) Como avaliar estudantes de instituições tão distintas do ponto de vista de recorte social, seleção econômica, localização geográfica, inserção cultural e principalmente sem fundamentar essa avaliação no Projeto Pedagógico de cada instituição?

2) Por que o processo de avaliação não começa pela licença de funcionamento das instituições de ensino, de maneira que só possam funcionar (e receber alunos) as instituições que tenham boas instala-



Como avaliar estudantes de instituições tão distintas do ponto de vista de recorte social, seleção econômica, localização geográfica, inserção cultural e principalmente sem fundamentar essa avaliação no Projeto Pedagógico de cada instituição?



lectuais, com aumentos reais de salários e total acesso aos serviços públicos de qualidade, à moradia, à mobilidade urbana, à segurança, à comunicação social e aos demais bens culturais, artísticos e recreativos. Tudo isso é verdadeiro? Se é assim, a Universidade mais sintonizada com essa visão de sociedade deve integrar-se aos valores do neoliberalismo, do capitalismo financeiro e

queza e que precisamos avançar muito ainda para construir uma sociedade livre, democrática, soberana, justa e igualitária, fundada na solidariedade e no respeito aos direitos humanos. Se nós pensamos assim, portanto, a Universidade que precisamos deve estar focada na formação de cidadãos e cidadãos comprometidos com esse processo de transformação, sem o qual não será possível melhorar os

continuação da página anterior

ções, laboratórios imprescindíveis, projeto pedagógico adequado à realidade nacional, corpo docente qualificado e gestão administrativa democrática e participativa com a devida inclusão social?

3) Por que o processo de avaliação não começa pela verificação da autonomia universitária diante de empresários gananciosos, de fundações de fachada e de oligarquias acadêmicas anacrônicas, para saber se realmente existe liberdade de cátedra, respeito aos contratos dos professores e estímulo ao estudo, ao ensino e à pesquisa sem restrições políticas, étnicas, religiosas ou de qualquer outra natureza?

4) Por que os governos não se empenham, primeiro, antes de avaliar os estudantes, em garantir o aumento significativo dos recursos públicos para ampliação e melhoria das instituições públicas, de maneira a reverter a tendência privatista que domina o ensino superior no Brasil desde o golpe militar de 1964? Afinal, há mais de 20 anos que todas as entidades de professores e estudantes defendem a aplicação de pelo menos 10% do PIB em educação, mas reiteradamente o investimento da União tem sido na média de apenas 4% do PIB.

5) Faz sentido uma avaliação imposta de fora para dentro das instituições e que não leva em conta a participação dos

envolvidos e diretamente interessados no processo de construção do próprio sistema de avaliação, sobre os seus métodos, objetivos, correções e aprendizados? O que existe de educativo - e/ou pedagógico - num sistema de avaliação que aterroriza com punições os estudantes e as instituições, inclusive com a ameaça de cortar bolsas de estudos para aqueles que não podem pagar (os mais pobres) as instituições privadas, que oferecem 73% das vagas no ensino superior?

Enfim, o Provão do Enade merece sim um amplo e profundo debate antes de se tornar um instrumento reconhecido para avaliar o desempenho dos cursos, faculdades e universidades. É pre-

ciso que sirva efetivamente para cobrar uma melhoria real das condições da educação no país, a começar pela adoção do ensino público e gratuito de qualidade para todos. Enquanto isso não acontece, o boicote ao Enade continua sendo - desde a época do Provão, nos anos 1990 - uma manifestação legítima dos estudantes nos mais diferentes cursos em todo o país. O ranking que premia a Unip e outras universidades de fachada certamente não pode ser o sonho da maioria dos estudantes brasileiros.

Hamilton Octavio de Souza é jornalista e professor.

<http://www.virusplanetario.net/provao-avalia-universidade/#ixzz2sCzsz0AE>

Direito de resposta

Pedido de resposta sobre o artigo "Aprofundamento da crise de início de ano demonstra falência da PUC-SP"

Não podemos concordar com a afirmação do periódico PUCviva de que a nossa Universidade está falida. Tal matéria considera que não há mais nada o que fazer, e isso contraria o espírito que nos move na gestão da PUC-SP. Não conseguimos simplesmente olhar a estagnação por que a Universidade passou nos últimos anos e avaliar a situação como dada e acabada: trabalhamos incessantemente em busca de alternativas e soluções que façam a Instituição dar um salto de qualidade acadêmico e administrativo. Temos certeza de que a grande maioria dos professores e funcionários, em seu trabalho diá-

rio, compartilha esse empenho conosco e também age pensando em superar a paralisia da PUC-SP.

Tampouco podemos concordar com a declaração de que há um "fechamento indiscriminado de turmas". De fato, há critério para deixar de abrir turmas. Ele foi estabelecido pelos colegiados, e qualquer gestor preocupado com a situação financeira da Universidade teria a obrigação de executar tal diretriz. A decisão não desrespeita nenhum projeto pedagógico, como foi mencionado; caso isso ocorresse, certamente teria sido considerado pelos colegiados.

Discordamos ainda da afirmação de que "o novo

modelo de universidade" pretende excluir os cursos de menor procura e focar "somente aqueles que realmente se paguem e sejam lucrativos". Assim como a comunidade, nosso desejo é abrir todas as turmas que oferecemos; é para isso que nos esforçamos, e a melhor resposta neste caso é o aumento da procura pelo nosso vestibular. Apesar do pouco tempo com a nova agência de publicidade, o resultado mostra que estamos investindo e buscando soluções para a situação. Estamos atacando o centro do problema, o que não significa que podemos tratar suas consequências de forma condescendente.

Por último, rejeitamos a proposição de que não nos preocupamos com as licenciaturas. Ela deixa de lado o esforço realizado ao longo do ano passado pela Pró-Reitoria de Graduação, junto às Faculdades, cursos e colegiados, para atualizar o Projeto Institucional de Formação de Professores da Educação Básica e adequar nossas licenciaturas à realidade e às necessidades do país. Estamos revendo estas graduações exatamente porque temos consciência de seu papel para o avanço da educação e a transformação da sociedade brasileira.

A Reitoria

GAUCHE NA VIDA

Considerações sobre o beijo gay

Wilson Honório da Silva

Viver na Frei Caneca tem suas deliciosas bizarrices. Pela primeira vez ouvi gritos entusiasmados de "torcida" ecoando dos apartamentos ao meu redor não relacionados a um jogo. Evidentemente, foi a reação a uma das cenas "mais esperadas" da história da comunicação de massas no Brasil: o dia em que a Rede Globo se rendeu à realidade e decidiu colocar em cena um (singelo e pudico, vale lembrar) beijo gay em seu horário nobre.

Que a Globo tenha se movido pela mesma lógica de sempre: o olho no mercado e a luta para se manter como principal e mais lucrativa emissora do país é inegável. Como também não dá pra esquecer que esta é (e sempre será) uma emissora que, como todas, "é habitada pelo poder do Capital", sintonizada com tudo contra o que lutamos cotidianamente (inclusive na propagação da homofobia, do racismo e do machismo), desde seu surgimento, nos anos 1960, sob o patrocínio da ditadura. E mais: o beijo com décadas de atraso em relação ao mundo em que vivemos.

Contudo, não podemos menosprezar a realidade do lado de cá da tela. Aliás, é a que mais interessa nesta história toda. O beijo, é, sim, uma vitória de todos e todas que lutam contra a opressão. São estes os verdadeiros protagonistas desta cena. Foram os LGBT's de verdade que fizeram com que a emissora do nada saudoso Roberto Marinho tenha se rendido, "reconhecen-

do" o espaço que os LGBT estão conquistando, com muita luta, nas ruas.

O beijo de Félix (cuja quase beatificação no processo da novela é um capítulo à parte) e Niko não foi um "presente" da Globo para a comunidade LGBT, nem pode ser visto como um "atestado" antihomofóbico. Pelo contrário. É um beijo que reflete anos de luta.

E merece, sim, ser saudado aos gritos aqui na vizinhança e, com certeza, em todos os cantos do país não como uma demonstração de apreço à Globo. Não. Se é verdade que os atores (que nunca esconderam sua simpatia em viver a cena e a fizeram muito bem) podem ser parabenizados, nossas homenagens, hoje, devem se voltar aos milhões de anônimos que seja na luta direta, seja simplesmente resistindo ao preconceito e à discriminação transformaram o "beijo gay" em uma "realidade" que nem mesmo a Globo poderia continuar omitindo.

Já disse pra muita gente que, como sou "antigo", ainda me emociono quando vejo um casal LGBT andando de mãos dadas ou demonstrando carinho nas ruas (da mesma forma quando negros e negras expressarem alegremente sua negritude, dos cabelos à atitude, ou uma mulher tomando os rumos de sua vida). Muitos de nós lutam praticamente a vida inteira pra ver algo assim. Tão normal, tão simples, tão humano. Mas, tão difícil pra quem não se enquadra nos "padrões".

Por isso, ao ver Mateus Solano e Thiago Fragoso em cena, há pouco, o que me veio à mente foram os tan-

tos e tantos que, na vida real, construíram o caminho até uma cena que, na verdade, deveria já ter ido ao ar há muito tempo e ser tratada simplesmente como uma "coisa do mundo". Lembrei-me daqueles e daquelas que, com coragem, enfrentaram e enfrentam o mundo para poder existir e amar. Lembrei-me dos que foram mortos, como Edson Neres, simplesmente por terem feito isto.

Lembrei-me dos que foram expulsos de casa por terem sido "pegos" no ato ou sofreram punições inomináveis, de Oscar Wilde aos que vestiam o "triângulo rosa" nos campos nazistas. Lembrei-me dos que nunca puderam sequer se atrever a beijar alguém, sucumbindo à opressão, vivendo sufocados em seus armários.

E, principalmente, lembrei-me daqueles que dedicaram suas vidas para que as coisas mudassem. De Magnus Hirschfeld a Milk, do "Gay Liberation Front" ao SOMOS e de tantos e tantas outras que vieram antes e depois deles.

Esse foi um beijo que não nasceu dos "planos" da Globo. Não. Ele brotou dos espaços que conquistamos com ousados e irreverentes beijaços; ele estalou primeiro nas ruas tomadas por Paradas e protestos. E por isso mesmo ele tem "importância histórica". Ele simboliza, em um campo pra lá de complicado como é o da comunicação de massas, uma vitória daqueles que nunca tiveram medo ou vergonha; daqueles que nunca se deixaram abater pelo preconceito e a discriminação (as mesmas que Globo, durante décadas, contribuiu pra colo-

car na cabeça das pessoas - e, não se iludam, continuará fazendo).

E, claro, foi um beijo com um "gostinho" todo especial. Teve sabor de "Fora Feliciano" e todos os homofóbicos de plantão. E, por isso mesmo, pra encerrar, já que estamos no campo da "ficção", espero que o beijo tenha um efeito parecido com aqueles dos "contos de fadas": que ajude a "despertar" os adormecidos e silenciados pela homofobia. Que fortaleça aqueles que, em suas casas, se sentem sozinhos, "anormais", infelizes e, muitas vezes, desesperados.

A página do "primeiro beijo gay da Globo" está virada, mas sabemos que temos muito mais pelo que lutar. Até o dia em que, inclusive, não seja necessário festejar um simples beijo como final de campeonato. Mas, simplesmente, como expressão da vida.

Wilson Honório da Silva é graduado em História e Mestre em Ciências da Comunicação/Cinema, professor universitário (História da Arte e Metodologia do Ensino de História) e militante do Movimento Nacional "Quilombo Raça e Classe" e do GT LGBT da CSP-Conlutas.

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

MOVIMENTOS SOCIAIS

Paralisação do Metrô causa caos e manifestação

Na tarde de terça-feira, 4/2, a paralisação de parte da linha vermelha do metrô de São Paulo transformou o transporte da capital num verdadeiro caos.

A paralisação na linha vermelha, que recebe o maior contingente de pessoas em comparação com os demais trechos do metrô de São Paulo, ocorreu entre as estações Sé e Palmeiras/Barra Funda no fim da tarde, próximo ao chamado horário do "rush", quando a grande maioria dos usuários do sistema integrado de transporte está voltando do trabalho para casa. Com o amontoado de pessoas nas estações, formaram-se pequenos núcleos de manifestação contra a qualidade do

metrô e do transporte público na cidade.

Luciene Lima, 22 anos, que trabalha no Anhangabaú e mora em Ferraz, é um exemplo do usuário de transporte coletivo que enfrenta cotidianamente situações como essa. "Normalmente eu levo 1h30 para chegar em casa, hoje não sei que horas chego, saí do trabalho há uma hora e ainda estou aqui", disse ela da estação República, ilhada, em meio aos protestos, sem poder voltar pra casa.

MORTE NO METRÔ

O Sindicato dos Metroviários está em campanha pela apuração do falecimento da funcionária Regina da Silva Paz, auxiliar de limpeza, trabalhadora terceirizada do Metrô de São Paulo, que foi encontrada mor-

ta em área destinada ao armazenamento de materiais na estação Santa Cruz, linha azul.

"Que se apure, em toda a sua amplitude, o quanto as condições de um trabalho precarizado, inserido na lógica produtiva de grandes conglomerados econômicos, sem direitos, com baixos salários, com elemento de segregação e integrado da insegurança de constantes transferências, de recusas de atestados médicos e da velada ameaça do desemprego, acompanhado das enormes dificuldades sócio-culturais-econômicas, que assolam os trabalhadores brasileiros", afirmou em nota de solidariedade à campanha dos metroviários o professor de Direito da USP Jorge Luiz Souto Maior.

MTST volta às ruas com série de protestos

O Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto de São Paulo (MTST) promoveu uma série de manifestações na quinta-feira, 30, e sexta-feira, 31/1. A primeira delas aconteceu pela manhã, na sede da CDHU no centro da capital paulista.

Juntamente com a ocupação Vila Silva, na zona leste, que conta com 400 famílias, o movimento exigiu do governo do Estado uma alternativa para as pes-

soas que ocupam um terreno em São Miguel Paulista e estão com ordem de despejo. Já no período da tarde, o MTST fez um protesto em frente à sede da Sabesp, em Embu das Artes, se juntando a moradores de cinco bairros que ficaram sem água por dias.

Na sexta, juntamente com o coletivo "Se não tiver direitos não vai ter Copa", Resistência Urbana e Periferia Ativa, o

MTST realizou uma manifestação na Secretaria de Segurança Pública para exigir investigação dos casos de violência policial que vem ocorrendo nos protestos, principalmente contra o jovem Frabício, que perdeu um testículo e o movimento de um dos braços após ser atingido na virilha e no tórax por um PM durante a manifestação do dia 25/1, no centro de São Paulo.

Campanha contra prisão perpétua na Argentina

Na quarta-feira, 5/2, aconteceram atos e manifestações em diversos países do mundo contra a prisão perpétua dos trabalhadores petrolíferos de Las Heras, na Argentina.

No dia 12/12/13, o juiz de

Caleta Olivia condenou três trabalhadores à prisão perpétua pela morte do policial Sayago em um levante, em 2006. A sentença é a mais dura condenação contra trabalhadores desde 1983.

Contrários à decisão, militan-

tes sociais solidários aos presos organizaram um abaixo assinado que circula internacionalmente contra este ato do poder judiciário. Para assinar o texto, basta acessar apoiopetroleirosdelasheras@gmail.com.

MST realiza seu Congresso Nacional

Entre os dias 10 a 14/2 em Brasília, acontece o VI Congresso Nacional do MST. Segundo o movimento, ele reunirá 15 mil delegados e mil crianças, vindos das diversas áreas de assentamentos e acampamentos do Brasil, representando as mais de 350 mil famílias assentadas e 90 mil acampadas.

O Congresso faz parte de um longo processo de debates realizados nos últimos dois anos que resultou na construção do Programa Agrário do MST, sintetizado na cartilha que defende uma Reforma Agrária "que atenda a toda a sociedade, baseada na produção de alimentos saudáveis, sem agrotóxicos, baseada em uma matriz agroecológica de produção que respeite a natureza".

Os principais temas de discussão nos cinco dias de congresso são: balanço crítico dos 30 anos do MST; a reforma agrária popular; os desafios da classe trabalhadora brasileira; conjuntura internacional: imperialismo e nossas atuações; desafios do MST: o papel político dos assentamentos; táticas de luta pela reforma agrária.

Congresso sobre Marx em Lisboa

Entre os dias 8 e 10/5 a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa hospedará o II Congresso Internacional Marx em Maio, sobre a obra do pensador alemão Karl Marx. O congresso contará com a participação de renomados filósofos, historiadores, economistas, sociólogos, físicos, geógrafos, sindicalistas, militantes e ativistas sociais e políticos.

ROLA NA RAMPA

"Calouradas" marcam primeira semana de aula na PUC-SP

O ano letivo da PUC-SP começou na semana passada com as "calouradas", atividades de recepção dos novos estudantes puquianos. Não faltaram as tradicionais brincadeiras dos veteranos com os calouros, que muitas vezes acabaram virando em selvageria. Porém, além disso aconteceram atividades organizadas por diversos centros acadêmicos e coletivos da universidade, como nos cursos de Relações Inter-

nacionais, Direito, Jornalismo, Multimeios, Artes do Corpo, Publicidade e Propaganda, Economia, Psicologia, Administração, entre outros. Debates, aulas-inaugurais, aulas-trote, "rolezinhos" de apresentação da universidade e festas fizeram parte da programação. Além das atividades de curso, outros eventos de recepção aos "calouros" chamaram a atenção, como o evento sobre a questão de gênero organizado na sexta-feira, 7/2, pela Fren-

te Feminista da PUC-SP. A PUC-SP distribuiu água e picolé para ajudar a suportar o calor e a desidratação. Apesar disso, mais uma vez, alguns estudantes foram levados à enfermaria com sinais de embriaguez aguda. Por fim, a Faculdade de Ciências Sociais e o NuSol organizam para o dia 17/2, no Tucarena, a aula-teatro 14, com o tema "anti-segurança", para receber os calouros da pontifícia.

NTC debate educação em direitos humanos

O Núcleo de Trabalhos Comunitários da PUC-SP organiza no dia 14/2, às 17h, o seminário "Educação Popular em Direitos Humanos". A mesa debaterá o papel da Educação Popular em Direitos Humanos como instrumentalidade na construção de políticas públicas. Coordenada por Rildo Marques de Oliveira (Movimento Nacional de Direitos Humanos - MNDH), a mesa contará com Rogerio Sotilli, secretário municipal de Direitos Humanos e Cidadania, Maria Stela Graciane, professora do NTC/PUC-SP, Salete Valesan Camba, coordenadora executiva da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO Brasil), Alexandre dos Santos, juiz de Direito da Vara da Infância e Juventude e Maria de Lourdes Nunes, articuladora do MNDH Piauí. O seminário acontece na sede do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (Rua Arruda Alvim, 89).

Comissão da Verdade exhibe documentário

A Comissão da Verdade "Reitora Nadir Kfoury" da PUC-SP aproveitou o início do ano letivo e realizou uma atividade na Prainha na noite de quinta-feira, 6/2. Com o slogan "Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça", a comissão, composta por professores e estudantes da universidade, exibiu o documentário "Não se cala a consciência de um povo!", dirigido por Jorge Claudio Ribeiro, professor da Faculdade de Ciência da Religião da PUC-SP.

Visite o site da APROPUC

As edições do jornal **PUCviva** estão disponíveis para consulta no site da APROPUC. O arquivo, em formato PDF, é acrescentado ao site todas as sextas-feiras, trazendo em primeira mão as notícias da semana. O

site também serve como um arquivo da história de lutas da universidade nos últimos 21 anos, além de uma cobertura semanal dos movimentos sociais. Para consultar acesse o site <http://www.apropucsp.org.br/>

Publicações debatem 50 anos da Ditadura Militar

As próximas edições das revistas PUCviva e Cultura Crítica trarão discussões para relembrar os 50 anos do Golpe Militar no Brasil, em 1964. Já a revista Cultura Crítica abordará especificamente a resis-

tência cultural durante o Regime Militar. Os artigos podem ser enviados até o dia 15/3 para para o e-mail www.apropucsp.org.br. Para mais informações, entre em contato pelo telefone 3865-4914.

Pastoral celebra missa de início de ano letivo

A Pastoral Universitária da PUC-SP convida a todos os membros da comunidade acadêmica para a celebração eucarística de início de ano acadêmico na capela da universidade. A missa

ocorrerá no dia 12/2, às 12h, e será celebrada pelo padre Vando Valentini. O evento é gratuito e aberto também aos parentes de estudantes, professores e funcionários da universidade.

Curso de Inglês Oral na Cogea abre inscrições

O curso de extensão "Inglês Oral", oferecido pela COGAE da PUC-SP, que tem como foco principal o desenvolvimento da produção e compreensão oral na língua inglesa, terá início de suas turmas dia 22/02, com processo seletivo para vagas remanescentes nessa mesma data, no campus Monte Alegre, sala 69, piso térreo do Prédio Novo (ERBM), entre 9:00 e 12:00. O curso é composto por 8 níveis, além de níveis de Conversação Avançada. As aulas acontecem aos sábados no campus Monte Alegre. Para maiores informações sobre o curso, ligue para 3124-9600, ou acesse o site <http://www.pucsp.br/posgraduacao/especializacao-e-mba/ingles-oral>.